



## A DESCONSTRUÇÃO DO SISTEMA PATRIARCAL: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO EM “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Ingrid Cruz do Nascimento<sup>1</sup>

(Universidade Federal da Paraíba/[ingridcruznascimento@gmail.com](mailto:ingridcruznascimento@gmail.com));

Daniela Maria Segabinazi<sup>2</sup>

(Universidade Federal da Paraíba/[dani.ufpb2007@hotmail.com](mailto:dani.ufpb2007@hotmail.com))

**Resumo:** Este trabalho propõe expor e discutir, através de uma análise baseada nos estudos de gênero, a desconstrução do sistema patriarcal disposta em *A Bolsa Amarela*, livro infanto-juvenil escrito por Lygia Bojunga Nunes, em 1976, que muito contribui com o quadro brasileiro de obras literárias destinadas às crianças. Os estudos que norteiam este trabalho estão fundamentados nos aportes teóricos “Por uma literatura sem adjetivos”, de Maria Teresa Andruetto (2012), que discute as temáticas e o espaço destinados à literatura infanto-juvenil; “Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil”, de Ricardo Azevedo, seção presente no livro “O que é qualidade em literatura infantil e juvenil - Com a palavra o escritor (2005)” e que explica os porquês e a necessidade de apresentarmos a literatura às crianças; “Os estudos de gênero e a literatura”, de Lúcia Osana Zolin, capítulo presente no livro “Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas (2009)” que faz um apanhado histórico das contribuições feministas para a relação entre os estudos de gênero e a literatura; e *Memórias de uma moça bem-comportada* (1991), escrito por Simone de Beauvoir, que traz uma reflexão, através da ficção, sobre suas vivências em uma sociedade patriarcal. Visamos colaborar, através deste trabalho, com os estudos que relacionam literatura infanto-juvenil aos estudos de gênero e sua influência no desenvolvimento do educando, além de, conseqüentemente, colaborar com a reflexão de sistema patriarcal que tem regido e norteado, majoritariamente, as condições e atitudes de nossa sociedade em diversas circunstâncias.

**Palavras-chave:** A Bolsa Amarela, Lygia Bojunga Nunes, Literatura Infanto-juvenil Brasileira, Estudos de Gênero, Desconstrução do Sistema Patriarcal.

### Introdução

Sabemos que a arte tem o poder não apenas de retratar a realidade, mas também de construir novas formas de olhá-la e, com isso, disseminar ideologias, direta ou indiretamente. Com a literatura não é diferente, e com a literatura infanto-juvenil muito menos: a contribuição proveniente dessa vertente artística não se direciona somente para a formação do discente enquanto leitor, mas também enquanto cidadão, pois pode ser um dos meios pelos quais o educando poderá refletir sobre as temáticas apresentadas nos livros.

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português.

<sup>2</sup> Professora doutora na área de Letras Português da Universidade Federal da Paraíba, com ênfase em Literatura infanto-juvenil.



Azevedo (2005, p. 3) ratifica o exposto ao afirmar que “Com a reflexividade somos habituados a examinar qualquer assunto através de diferentes ângulos – na medida do possível, a partir das informações mais recentes relativas a ele – tentando estabelecer e mesmo reestabelecer ou reinterpretar seu caráter.”

Tomando essa afirmação como base, percebemos que a autora Lygia Bojunga Nunes se propõe a fazer exatamente isso através dos elementos fantásticos e da natureza presentes no livro *A Bolsa Amarela*, o qual traz discussões sobre os padrões e as relações existentes, principalmente no que tange à dualidade entre homem e mulher, na época da ditadura militar no Brasil. Entretanto, nos deteremos apenas a uma das vontades de Raquel – a de ser menino – para nortear e desenvolver essa temática (vontade de ser outro) e as outras questões presentes no trabalho.

## 1. As repressões sofridas por Raquel e a vontade de ser menino

Logo no início do livro vemos que Raquel possui três vontades, que são: a vontade de crescer e deixar de ser criança, de ter nascido menino ao invés de menina e de escrever. (BOJUNGA, 2007) Após Raquel vivenciar algumas situações, ela resolve esconder suas três vontades dentro de uma bolsa amarela, as quais aparecem ora mais, ora menos, mas todas com uma função dentro da narrativa. Contudo, ao analisar especificamente a segunda vontade de Raquel, percebemos algumas questões que se relacionam diretamente com a sociedade patriarcal.

Fica claro, por exemplo, que são as repressões sofridas por Raquel, ocasionadas pela família dela, que fazem com que ela não se aceite enquanto menina e passe a desejar veementemente ser um menino não apenas por acreditar ser mais fácil, mas também pelo fato de eles terem mais direitos, liberdade e espaço na sociedade do que as meninas. O desejo de ser outro é, na situação da protagonista, é apenas para que ela possa ter os mesmos privilégios do outro. Isso fica bem claro na passagem em que Raquel trava um diálogo com o irmão dela:

– E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?  
– Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.  
Ele me olhou bem sério. De repente riu:  
– No duro?  
– É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa de homem [...]. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina.” (BOJUNGA, 2007, p. 16-17)



Baseando-nos nisto, podemos abstrair um pouco sobre esse quesito e nos questionar: até que ponto a repressão pela repressão – entende-se isso como aquele tipo de repressão que não possui um benefício a longo prazo para o reprimido, como por exemplo, não comer muito doces para evitar o desenvolvimento de futuros problemas de saúde – influencia, positivamente ou não, na vida de um ser humano, principalmente se ele for uma criança? De que forma isso repercutirá nos anos subsequentes de sua vida?

São questões como essas que nos fazem analisar o livro com mais afinco, no qual a autora utiliza os recursos literários para dar maior significação à obra, pois, além de a personagem principal ser uma menina, não inocentemente a autora ainda confere-lhe poder de fala, “deixando-a” ser narradora-personagem de todo o livro. Este possui uma escrita feminina, com visões femininas observadas por uma garota. Ao fazer isso, a autora permite que o leitor possa observar as situações de acordo com as impressões obtidas por Raquel, que está situada em uma sociedade que repete o discurso e as atitudes do sistema patriarcal. É notável, portanto, que Raquel sofre nessa sociedade.

Zolin (2009, p. 219) afirma que “[...] a *mulher-sujeito* é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto a *mulher-objeto* define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz” (*grifos da autora*). Assim, fica evidente que Raquel, embora seja criança, exerce função de sujeito, pois questiona as regras e a autoridade patriarcal em voga, discute consigo mesma e com seus familiares sobre diversos assuntos com os quais ela não concorda, se posiciona em relação àquilo que ela julga inadequado ou incoerente e não aceita as imposições que lhe são destinadas apenas pelo fato de ela ser menina.

Além disso, ao ler “*A Bolsa Amarela*” (2007) lembramo-nos também da obra de Simone de Beauvoir, “*Memórias de uma moça bem-comportada*” (1991), pelo fato de ambas trazerem, na construção de uma ficção, a reflexão sobre as próprias vivências que tiveram na infância. É sabido que não devemos confundir a vida do autor com os acontecimentos de suas obras, mas, neste caso, cabe fazermos essa relação, posto que, por serem mulheres transgressoras e terem consciência do sistema patriarcal no qual estavam inseridas, as autoras questionaram, nas obras citadas, as imposições e repressões que sofriam apenas por serem mulheres. Na obra em questão de Beauvoir, por exemplo, ela afirma que, na sociedade parisiense

“Pôr à mostra a pele – salvo em algumas partes bem definidas – era uma incongruência. Certos pormenores do vestuário, certas atitudes eram tão repreensíveis quanto uma indiscreta exibição. Essas interdições visavam principalmente à feminina; uma senhora “direita” não devia nem se



decoatar demasiado, nem usar saias muito curtas, nem tingir os cabelos, nem os cortar, nem se pintar, nem chafurdar num sofá, nem beijar o marido nos corredores do metrô: se transgredia as leis, era pouco recomendável. A inconveniência não se confundia inteiramente com o pecado, mas suscitava censuras mais severas do que o ridículo.” (1991, p. 77)

É importante observamos que, quase três décadas antes do lançamento d’*A Bolsa Amarela* (originalmente lançado em 1981), a filósofa francesa já discutia os perigos de disseminar e reproduzir um discurso autoritário e desigual como o do patriarcalismo, posto que, como todo discurso, ele pautaria uma ideologia e, conseqüentemente, os comportamentos de uma sociedade. Além disso, fica evidente que a repetição do patriarcalismo, apesar de ocorrer em diversas sociedades, tem sido combatida por muitos estudiosos e em muitos meios, como é o caso da obra literária tomada como material de análise deste trabalho.

Devido a isso, concordamos com Azevedo que é

“[...] um lamentável equívoco deixar de fora do âmbito escolar, ou do universo educacional oficial, as questões subjetivas, os aspectos psicológicos e emocionais; as contradições e ambigüidades; as vivências concretas; a efemeridade humana; as questões do imaginário coletivo e dos imaginários individuais entre outros temas relevantes e relativos.

Pois bem, a meu ver, esse espaço pode ser preenchido pela arte e pela literatura, seja ela infantil ou não. [...]” (2005, p. 6)

## 2. A metáfora do galinheiro

Durante a construção da narrativa, Raquel inventa diversas coisas. Entre a descoberta dos familiares das cartas escritas para seus amigos imaginários e, conseqüentemente, as brigas que surgiram disto, ela decide escrever um romance, pois “[...] todo mundo sabe que romance é a coisa mais inventada do mundo.” (BOJUNGA, 2007, p. 21) Esse romance é, claramente, um refúgio para suas inquietações e anseios, vista a incompreensão dos familiares que a cercava em relação aos questionamentos dela.

Logo que a narradora teve a ideia de escrever um romance, ela ratifica a invalidez deste gênero textual afirmando que é uma invenção e isso nos faz lembrar de dois quesitos: 1 – a imaginação das crianças e 2 – a liberdade e autonomia, depois de afirmar isso, que a autora ganha para deixar impressas suas ideologias, as quais divergiam das impostas pelo governo militar e pela própria configuração social brasileira da época.

Diante do exposto, podemos afirmar que é através do explícito que a autora denuncia o



implícito: o protagonista do romance escrito por Raquel é um galo chamado Rei. Não poderia haver nada mais proposital, pois o galo, no mundo animal, representa o poder, a força e é quem direciona o andamento do galinheiro. Um galo é o suficiente para coordenar um grande grupo de galinhas, ou seja, sem o galo nada funciona no galinheiro. Para ratificar tudo isto, a autora ainda dedica um capítulo apenas o galo Rei, que depois é chamado de Afonso.

Entretanto, no decorrer da conversa entre Rei e Raquel, o galo se mostra descontente com sua condição, pois ele já nasce predestinado a exercer determinadas funções e a ser do modo como, no caso, o mundo animal impõe e que, por isso, decidiu fugir para se libertar da vida que era forçado a levar no galinheiro. Rei, portanto, pelos motivos expostos, decide ser Afonso por acreditar que o nome não combina com ele (BOJUNGA, 2007). Diante disso, é interessante ressaltarmos que, implicitamente, o galo reconhecia a carga social que a palavra Rei representava naquele contexto, resolvendo então ser outro.

Quando analisamos isso nas relações humanas, percebemos o tom metafórico abertamente: tanto os homens quanto as mulheres – do mesmo modo que os galos e as galinhas – já nascem com suas ações e lugares de ocupação na sociedade bem definidos apenas pelo sexo. Os homens, segundo a construção do sistema patriarcal, é aquele que mantém e defende as diretrizes da família, mas, principalmente, é aquele que guia o ser e o fazer da mulher. As mulheres, por sua vez, nos termos de Zolin (2009), são *mulheres-objeto* e, quando não guiadas, perdem o sentido da vida. Isso fica claro na fala de Afonso em relação às galinhas, ao confessar:

“[...] elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! faz aquilo! bota um ovo! pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que dá muito trabalho pensar.” (BOJUNGA, 2007, p. 35)

O discurso de Afonso explicita bem o imaginário social que existe em relação à dualidade homem  $\times$  mulher. A razão, conferida através do cérebro e do pensamento, é de domínio masculino; já a emoção, conferida através do coração, ou seja, do corpo, é de domínio feminino. Portanto, é devido a isso que à mulher é associada a falta ou menor inteligência se/quando comparada ao homem: ele é mente; ela, corpo. Entretanto, sabendo que, socialmente, corpo e mente falam e representam em conjunto, podemos desmistificar tal dualidade e seus respectivos portadores, visto que um não existe sem o outro, necessitando viver em harmonia para que o ser humano exista plenamente. (GROSZ, 2000)

É interessante compreender o porquê de a autora escolher um animal que possui relações



parecidas com as que ela se deparou na sociedade. Assim sendo, cabe o questionamento: se, um galo, ser irracional, consegue refletir sobre suas relações sociais, por que o ser humano, dotado de inteligência, não pode (ou não quer) fazer isso? No romance, portanto, fica claro que a presença do galo e sua relação com as galinhas incita uma reflexão a quem lê a obra.

Outro ponto a ser ressaltado no que concerne à metáfora é a questão das nomenclaturas. O galo, macho, chefe do galinheiro é chamado de “Rei”, enquanto as galinhas, fêmeas, são apenas “as galinhas”, seres guiados pelo macho. Percebemos, assim, que tal fato não é aleatório: o fato de nomear alguém, descrever uma pessoa são atitudes de empoderamento e isso ratifica a posição social concedida ao macho, mas negada veementemente por Afonso, o qual não pratica a opressão imposta pelo sistema patriarcal simplesmente por não se identificar com tais condutas.

A não identificação com as normas é vista pelo sistema patriarcal como algo errôneo e que deve ser combatido para que não haja a ressignificação dos corpos<sup>3</sup>. Nesse contexto, tanto a mulher quanto o homem que ousam contradizer as imposições desse sistema e buscar novas ocupações de lugares e posicionamentos sociais sofrem represália conjuntamente. Entretanto, o homem é repreendido não apenas por querer deixar de ser “superior”, mas porque, quando ele mantém paridade com a mulher, também passa a ter a mesma condição de inferioridade que a mulher tem perante a sociedade.

### 3. A desconstrução do modelo de família patriarcal

Depois de a Guarda-Chuva tentar impedir Terrível de participar de uma briga contra Crista de Ferro – os dois últimos personagens representam fortes galos de briga que correspondem ao típico estereótipo do homem machista –, ela acaba se machucando muito ao ponto de não conseguir nem se movimentar (BOJUNGA, 2007). Diante disso, Raquel decide consertá-la e a leva para “A Casa dos Consertos”, subtítulo do capítulo IX.

Nesta casa Raquel encontra uma família que contraria todos os moldes familiares com os quais ela tivera contato até então. Composta por quatro pessoas (pai, mãe, filha e avô), a alteração do modelo ideal de família já começa a se desfazer, pois temos um idoso e uma criança que são ativos nas relações da família e não dependentes, como geralmente acontece, tanto no quesito de produção quanto em manifestação de opiniões. Além disso, as atividades da casa e do trabalho são

---

<sup>3</sup> Refiro-me aqui ao destino imposto apenas pela condição biológica do ser humano enquanto homem ou mulher. Quando deparamo-nos com a ressignificação de um corpo, seja pela busca de outro *status* social, seja pela mudança física, entre outros exemplos, ficamos diante de uma renúncia concreta e efetivada ao modelo patriarcal instituído.



guiadas por uma música de um relógio que, ao parar, faz com que os membros da família troquem seus lugares e, conseqüentemente, suas funções, deixando que cada componente da família desempenhe o papel do outro. (BOJUNGA, 2007)

Dessa forma, fica claro que isso desconstrói totalmente a imagem da família patriarcal – que, imagetivamente, assemelha-se com uma pirâmide, na qual o topo é sempre um homem provedor que norteia a esposa e os filhos – e passa a mostrar-se como uma cooperativa, não havendo, assim, a necessidade de um chefe, mas uma cooperação de todos os integrantes da família para que as coisas funcionem.

Podemos confirmar tais considerações com o seguinte trecho:

- “– Teu avô tá estudando?  
– Tá.  
[...]  
– Por quê?  
– Porque ele tá sempre estudando. Que nem meu pai e minha mãe.  
– Eles também estudam?  
– Aqui em casa a gente não vai parar de estudar.  
– Toda a vida?  
– Tem sempre coisa nova pra aprender.  
– E quem é que resolve o que cada um estuda?  
– Como é?  
– Quem é que resolve as coisas? quem é o chefe?  
– Chefe?  
– É, o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô?  
– Mas pra que que precisa de chefe?” (BOJUNGA, 2007, p. 113)

Assim sendo, podemos perceber que há a reorganização e a ressignificação da estrutura familiar; um apelo implícito à abertura do ser humano para o novo, representado pelo conhecimento adquirido através do estudo e, novamente, há um empoderamento da mulher, representado pela liberdade que ela tem de não ter a vida direcionada por um homem e pelos papéis que ela pode desempenhar e posições sociais que ela pode ocupar.

Outro ponto importante a ser destacado é que o avô de Raquel também quebra o estereótipo de que os idosos são desatualizados e não são mais capazes de repensar as práticas enraizadas, aprender com os mais novos e produzir novos conhecimentos. Essa atitude carrega consigo uma reflexão que muitas vezes é negada tanto pelos homens (principalmente pelos homens mais velhos) quanto pela própria sociedade.

Em vista disso, podemos compreender que o subtítulo “A Casa dos Consertos” não é aleatório, uma vez que ele não serve somente para mostrar o tipo de família diferente e



transgressora que aparece na narrativa, mas também pode ser interpretado como um conselho implícito da própria autora para que a sociedade, principalmente a brasileira, comece a enxergar a construção da família e o papel de cada membro que a compõe de uma forma diferente.

#### 4. A identificação com o não-padrão: uma leitura d'A Guarda-Chuva

Durante o desenrolar da história, a amizade entre Raquel e Afonso vai se fortalecendo, até que ele decide dar um presente para sua amiga: um guarda-chuva, o qual se considera e escolheu ser mulher durante a sua fabricação. (BOJUNGA, 2007) É interessante observar que a Guarda-Chuva aparece no Capítulo V do livro e ajuda Raquel, mesmo que indiretamente, a se resolver consigo mesma e a se aceitar enquanto menina.

Em relação à personagem Guarda-Chuva, é importante que ressaltemos um ponto: a autora contraria a norma padrão da Língua Portuguesa, utilizando artigo definido feminino para o objeto guarda-chuva – quando o adequado seria a utilização do artigo definido masculino – não apenas pela identificação da personagem com o sexo oposto, mas como uma forma de mostrar que, mesmo identificando-se como mulher e, portanto, sendo mulher, a Guarda-Chuva pode ter as mesmas qualidades às quais o próprio nome guarda-chuva remete, como força, proteção, grandiosidade, entre outras.

Entretanto, vale salientar que, durante a confecção do guarda-chuva, o confeccionador do objeto, após saber que o guarda-chuva queria na verdade ser ela, “respeita”<sup>4</sup> essa vontade. Contudo, ele começa a colocar características tidas, antigamente, pela sociedade machista, de uso do público feminino, como seda cor de rosa, cabo de guarda-chuva curvado e correntinha (BOJUNGA, 2007). Assim, fica claro que o homem que (re)faz o guarda-chuva também é uma das personagens que está representando, de forma implícita, o pensamento machista da sociedade da época.

Ao final do livro, portanto, percebemos que, devido ao seu contato com A Guarda-Chuva, Raquel se reconhece e constrói sua identidade, reconhecendo que o problema não está nela, mas na sociedade patriarcal que dita todas as suas ações simplesmente pelo fato de ela ser mulher. Entretanto, sabemos que isso não ocorre com todos os indivíduos de forma unânime. É com e através do não-padrão que Raquel se reconhece e se aceita enquanto menina, percebendo que ser e/ou se sentir diferente do que é imposto é extremamente normal.

<sup>4</sup> Apesar de o feitor do guarda-chuva respeitar a vontade que o objeto tinha de ser mulher, percebemos que aquele apenas reproduz alguns dos estereótipos femininos e os coloca na construção d'A Guarda-Chuva sem consulta prévia. (ver página 48 do livro analisado)



## Conclusão

Todo o livro apresenta, sem se descuidar da linguagem, questões relacionadas ao íntimo do ser humano e suas relações sociais, ou seja, questões que suscitarão discussões, opiniões, reflexões daqueles que o leem, incentivando o posicionamento frente ao sistema patriarcal e suas regras e imposições, bem como à construção da identidade do ser humano enquanto sujeito. Vemos aqui então a atemporalidade do livro literário, bem como a influência ideológica (implícita) que ele pode exercer.

A autora deixa o universo infantil – porém não ingênuo – ler a realidade através da imaginação, conferindo-lhe poder de fala e, conseqüentemente, de destaque. Além de empoderar a protagonista e narradora Raquel, a autora nos desperta o interesse sobre o olhar das crianças em relação ao mundo que as cerca, fazendo o leitor refletir sobre a capacidade de crítica que as crianças possuem, mas não é reconhecida. Levar uma obra como essa para a sala de aula é incitar e contribuir com o processo de reflexão dos educandos perante a sociedade e sobre si mesmos.

Com base no exposto, reiteramos que a Literatura infanto-juvenil pode trabalhar com qualquer temática: o segredo encontra-se apenas em como o autor ou a autora discorrerá sobre isso, bem como o processo de intermediação do docente. Uma linguagem acessível, porém não subestimativa da capacidade cognitiva, fará com que todos os públicos, da criança ao adulto, possam compreender não apenas a literatura, mas as diversas leituras de mundo que os cercam e nas quais eles vivem. Se a literatura é a extensão e/ou a ressignificação daquilo que vivemos ou poderemos viver – e até mesmo daquilo que somos –, ela deve ser apresentada às crianças. Com *A Bolsa Amarela* não pode ser diferente.

## Referências Bibliográficas

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.) **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil** - Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.



\_\_\_\_\_ **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela.** 34. ed., 11<sup>a</sup> reimpr. – Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

CRISTÓFANO, Sirlene. **O discurso feminino em A Bolsa Amarela:** a busca pela libertação da mulher. In: REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/3723/2949> Data de acesso: 29/05/2015

GROSZ, Elizabeth. **Corpos reconfigurados.** Cadernos Pagu: Campinas, SP, n. 14, 2000, p. 45-86.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.